

## Três poemas traduzidos de Eavan Boland

Gisele Wolkoff

Nascida em Dublin, 1944, Eavan Boland é filha de uma figura eminente na área diplomática e de uma famosa pintora. Por causa da carreira do pai, Boland visitou diferentes geografias desde cedo. Aos seis anos mudou-se para Londres, experiência que lhe rendeu um de seus muitos célebres poemas, "An Irish Childhood in England: 1951". Passou a adolescência em Nova York e, posteriormente, retornou a Dublin, a fim de estudar no Trinity College. Foi colega de Derek Mahon e de Mary Robinson, a quem dedicou um de seus livros, *The Lost Land*.

O seu primeiro volume de poemas, *New Territory*, apareceu em 1967, com um título bastante sugestivo da temática da terra utópica, que se torna um dos ícones temáticos de toda a sua poesia posterior. Este primeiro livro já apresenta discussões densas, como a do papel do poeta, o diálogo com a tradição poética irlandesa de W.B. Yeats, a presença dos mitos e a marca da violência na geopolítica da Irlanda.

Oito anos após o primeiro livro surge *The War Horse*, desta vez com a territorialidade do subúrbio como foco de atenção. As publicações seguintes, *In Her Own Image* (1980) e *Night Feed* (1982), retratam a experiência corpórea da mulher, bem como a relação entre mães e filhas. Esses dois livros seguem um viés feminista e são publicadas pela Arlen House, uma editora responsável pela imprensa

feminista, famosa em negar publicações importantes como *The Ante-Room*, de Kate O'Brien. Se *The Journey*, de 1987, volta ao tema do escritor, do fazer artístico, e da discussão da subjetividade do poeta, *Outside History* (1990) revela um pouco da vida da poeta em diálogo com a vida de outras mulheres, sobretudo por meio de cenas prosaicas do dia-a-dia. Em 1998 surge *The Lost Land*, que traça uma cartografia que parte do público para atingir o privado. O cosmopolitismo aparece aí nas citações – de Platão a Blake, e ao cinema preto-e-branco. O poema “The Blossom” faz explícita alusão a Blake.

O próximo livro, *Code*, de 2001, publicado pela Carcanet, traz poemas que já haviam aparecido em periódicos como *The New Yorker*, *The Paris Review*, *The Sunday Tribune* e *New Hibernia Review*, dentre outros. Os mesmos poemas aparecerão em nova publicação, no mesmo ano, mas com algumas alterações, com o título *Against Love Poetry*, desta vez pela W.W.Norton. O seu último volume de poemas, *Domestic Violence*, foi lançado em 2007 também pela W.W.Norton.

Casada com Kevin Casey, com quem teve duas filhas, Sarah e Eavan, mudou-se para o subúrbio de Dublin, estilo de vida que lhe rendeu críticas severas por parte da opinião pública associada à literatura e às artes. A poeta atribui a tais críticas a opinião de que ela seria uma “poeta menor”, por dedicar-se às tarefas oriundas de uma vida mais doméstica. Contra esse tipo de perspectiva, a autora discute a reapropriação da voz feminina enquanto questão ética e política, além de discutir em seu livro de ensaios *Object Lessons: The Life of the Woman and The Poet in Our Time* (1995) a política da linguagem como reapropriação constante do espaço do sujeito da história, como se o papel de musa às mulheres contemporâneas irlandesas não mais se efetivasse. A esse respeito, ela declara:

“Passei a acreditar que a poetisa é uma figura emblemática na poesia atual, da mesma maneira que os poetas modernistas e românticos o foram. E pelas mesmas razões (...) ela internaliza as marcas e verdades da poesia em um momento particular. O seu projeto, portanto, não é nem marginal, nem especialista. É um projeto que se

preocupa com toda a poesia, tudo o que leva a isso no passado e o reconduz no futuro.”. (*Object Lessons: The Life of the Woman and The Poet in Our Time*, p.235, W.W.Norton & Company, 1995).

Os poemas aqui recolhidos referem-se a uma espécie de metonímia representativa do estilo de poema ekphrástico de Boland. “O Rio” vem do livro *Object Lessons*. Já “Distâncias”, de *Outside History*, e “Auto-Retrato Numa Noite de Verão”, de *The Journey*.

### The River

You brought me  
to the mouth of a river  
in mid-October  
when the swamp maples  
were saw-toothed and blemished.  
I remember

how strange it felt –  
not having any  
names for the red oak  
and the rail  
and the slantways plunge  
of the osprey.

What we said was less  
than what we saw.  
What we saw was  
a duck boat, slowly

passing us, a hunter and  
his spaniel and

his gun poised,  
and, in the distance,  
the tips of the wild  
rice drowning in  
that blue which raids and  
excludes light.

### O Rio

Você me trouxe  
à foz do rio  
no meio de outubro  
quando os bordos vermelhos  
estavam enroscados e carcomidos  
Eu me recordo

o quão estranho foi  
não ter nenhum  
nome ao carvalho vermelho  
e ao estercorário  
ao salto inclinado  
da águia-pesqueira

O que dissemos foi menos  
do que vimos

O que vimos foi  
um barco de pesca vagorosamente  
passando por nós, um caçador e  
seu spaniel e

sua arma em riste  
e, na distância,  
as pontinhas do arrozal  
selvagem se afogando  
no azul que invade  
e exclui a luz.

### **Distances**

The radio is playing downstairs in the kitchen.  
The clock says eight and the light says  
Winter. You are pulling up your hood against a bad morning.

Don't leave, I say. Don't go without telling me  
the name of that song. You call it back to me from the stairs:  
'I Wish I Was In Carrickfergus'

and the words open out with emigrant grief the way the streets  
of a small town open out in  
memory: salt-loving fuchsias to one side and

a market in full swing on the other with  
linen for sale and tacky apples and a glass and wire hill  
of spectacles on a metal tray. The front door bangs

and you're gone. I will think of it all morning while a fine  
drizzle closes in, making the distances  
fiction: not of that place but this and of how

restless we would be, you and I, inside the perfect  
music of that basalt and sandstone  
coastal town. We would walk the streets in

the scentless afternoon of a ballad measure,  
longing to be able  
to tell each other that the starched lace and linen of

adult handkerchiefs scraped your face and left your tears  
falling: how the apples were mush inside the crisp sugar  
shell and the spectacles out of focus.

### **Distâncias**

O rádio está tocando lá embaixo na cozinha.  
O relógio diz oito e a luz, inverno.  
Você está puxando o seu capuz contra a manhã ruim.

Não vá, eu digo. Não vá sem me dizer  
o nome daquela canção. Você me responde da escada:  
"Queria Estar em Carrickfergus"

e as palavras se abrem num lamento emigrante da mesma  
maneira que as ruas  
de uma cidadezinha se abrem  
à memória: fúcsias marinhas de um lado e

um mercado em pleno movimento do outro  
linho à venda e maçãs de amor e um vidro e um monte  
de óculos de arame numa bandeja de metal. A porta da frente  
bate

e você desaparece. Pensarei nisso a manhã toda enquanto  
uma leve garoa se aproxima, tornando as distâncias  
ficção: não daquele lugar, mas deste e de quão

irriquietos ficaríamos, você e eu, na música perfeita  
da cidade costeira de arenito e basalto.  
Andaríamos pelas ruas na

tarde sem aroma de uma canção em quadrinha,  
querendo poder dizer  
um ao outro que a renda e o linho dos

lenços adultos marcaram o seu rosto e deixaram suas  
lágrimas  
caírem; como as maçãs estavam suculentas debaixo daquela  
crosta caramelo  
e crocante e os óculos, fora de foco.

### Self-Portrait on a Summer Evening

Jean-Baptiste Chardin  
Is painting a woman  
In the last summer light.  
All summer long  
he has been slighting her  
in botched blues, tints,  
half-tones, rinsed neutrals.

What you are watching  
is light unlearning itself,  
an infinite unfrocking of the prism.

Before your eyes  
the ordinary life  
is being glazed over:  
pigments of the bibelot,  
the cabochon, the water-opal  
pearl to the intimate  
simple colors of  
her ankle-length summer skirt.

Truth makes shift:  
The triptych shrinks  
to the cabinet picture.  
Can't you feel it?

Aren't you chilled by it?  
The way the late afternoon  
is reduced to detail –

the sky that odd shape of apron –  
opaque, scumbled –

the lazulis of the horizon becoming  
optical grays  
before your eyes  
before your eyes  
in my ankle-length  
summer skirt

crossing between  
the garden and the house,  
under the whitebeam trees,  
keeping an eye on  
the length of the grass,  
the height of the hedge,  
the distance of the children

I am Chardin's woman  
edged in reflected light,  
hardened by  
the need to be ordinary.

### Auto-retrato Numa Noite de Verão

Jean-Baptiste Chardin  
está pintando uma mulher  
na última luz do verão.

O verão todo  
ele a rabiscou  
com tons azuis, remendos,  
meio-tons, neutros apagados.  
O que tu vês  
é a luz a se revelar,  
um desvendar infinito do prisma.

Diante de teus olhos  
a vida prosaica  
sendo esboçada:  
os pigmentos do bibelô,  
o cabochão, a pérola opala-marinha  
as cores simples, íntimas  
De sua longa saia de verão.

A verdade se altera:  
O tríptico diminui,  
E se encolhe no armário do escritório.  
Não consegues sentir?  
Não percebes a maneira  
Pela qual a tardinha

é reduzida ao detalhe –  
o céu, aquela estranha sombra de avental –  
opaca, atenuada –

o lápis-lazuli do horizonte se tornando  
cinzas óticos  
diante de teus olhos  
diante de teus olhos  
em minha longa  
saia de verão

atravessando  
o jardim e a casa  
debaixo das lodões brancos,  
de olho  
na altura da grama,  
na altura da cerca,  
na distância das crianças

Eu sou a mulher de Chardin  
emoldurada na luz refletida,  
endurecida  
pela necessidade de ser comum.